

# A criança e as pílulas: a ciência às voltas com a infância

---

Mônica Oliveira Silva

## Resumo

Não é de hoje que a interseção entre a cultura de consumo e a medicalização do sofrimento permeia as discussões do campo psicanalítico. A psicanálise, que subverte o discurso da ciência ao pensar o sujeito em sua divisão subjetiva, tem sido cada vez mais provocada a pensar sobre os fenômenos contemporâneos de categorização, universalismo e aversão à alteridade. Assim, como podemos então pensar a infância neste cenário de supressão das singularidades em prol da padronização das individualidades? Que lugar é dado ao sintoma da criança hoje? Certamente, o discurso científico tem tido um papel relevante nesta discussão, já que temos observado a crescente proliferação de diagnósticos psiquiátricos na infância. Como pensar o mal-estar da infância contemporânea sem cair nas malhas do discurso patologizante? A aposta continua sendo na ética sustentada pelo discurso do analista.

## Palavras-chave:

Infância; Medicalização; Ciência; Ética.

## The child and the pills: science around childhood

### Abstract

The intersection between the culture of consumption and the medicalization of suffering has permeated discussions in the psychoanalytical field for some time. Psychoanalysis, which causes a subversion in the discourse of science by thinking of the subject in his subjective division, has been increasingly provoked to think about contemporary phenomena of categorization, universalism and aversion to otherness. Thus, how can we think about childhood in this scenario of suppression of singularities in favor of the standardization of individualities? What place is given to the child's symptom today? Certainly, the scientific discourse has played a relevant role in this discussion, since we have observed the growing proliferation of psychiatric diagnoses in childhood. How to think about the malaise of contemporary childhood without falling into the meshes

of pathologizing discourse? The bet continues to be on ethics supported by the analyst's discourse.

### **Keywords:**

Childhood; Medicalization; Science; Ethics.

## **El niño y las píldoras: la ciencia en torno a la infancia**

### **Resumen**

La intersección entre la cultura del consumo y la medicalización del sufrimiento ha permeado los debates en el campo psicoanalítico durante algún tiempo. El psicoanálisis, que provoca una subversión en el discurso de la ciencia al pensar en el sujeto en su división subjetiva, ha sido provocado cada vez más a pensar en los fenómenos contemporáneos de categorización, universalismo y aversión a la alteridad. Por lo tanto, ¿cómo podemos pensar en la infancia en este escenario de supresión de singularidades a favor de la estandarización de las individualidades? ¿Qué lugar se le da hoy al síntoma del niño? Ciertamente el discurso científico ha desempeñado un papel relevante en esta discusión, ya que hemos observado la creciente proliferación de diagnósticos psiquiátricos en la infancia. ¿Cómo pensar en el malestar de la infancia contemporánea sin caer en las mallas del discurso patológico? La apuesta sigue siendo la ética apoyada por el discurso del analista.

### **Palabras clave:**

Infancia; Medicalización; Ciencia; Ética.

## **L'enfant et les pilules : la science autour de l'enfance**

### **Résumé**

L'intersection entre la culture de la consommation et la médicalisation de la souffrance imprègne depuis un certain temps les discussions dans le domaine psychanalytique. La psychanalyse, qui provoque une subversion dans le discours de la science en pensant au sujet dans sa division subjective, est de plus en plus amenée à réfléchir sur les phénomènes contemporains de catégorisation, d'universalisme et d'aversion à l'altérité. Ainsi, comment penser l'enfance dans ce scénario de suppression des singularités au profit de l'uniformisation des individualités ? Quelle est la place accordée au symptôme de l'enfant aujourd'hui ? Il est certain que le discours scientifique a joué un rôle pertinent dans cette discussion, puisque nous

avons observé la prolifération croissante des diagnostics psychiatriques dans l'enfance. Comment penser le malaise de l'enfance contemporaine sans tomber dans les mailles d'un discours pathologisant ? Le pari continue d'être sur l'éthique soutenue par le discours de l'analyste.

### **Mots-clés :**

Enfance ; Médicalisation ; Science ; Ethique.

Muito se discute sobre a posição da psicanálise como uma ciência ou não. Enquanto o debate gira em torno do ser ou não ser, vale lembrar que a psicanálise deriva da ciência.

A psicanálise opera com o sujeito efeito da presença do discurso da ciência. Se a psicanálise é contemporânea, deve-se ao fato de que sua antecedente determinante é a ciência. Se a psicanálise se desenvolveu no Ocidente, é porque a ciência no sentido moderno, se desenvolveu no Ocidente. Não haveria psicanálise se não houvesse antes a ciência (Eidelsztein, 2001, p. 17, tradução nossa).

A teoria psicanalítica se situa no avesso da ciência, e não em seu oposto. Avesso remete ao outro lado do pano, ao outro lado de uma superfície. O avesso possibilita uma passagem, uma comunicação, enquanto o oposto fica marcado por uma impossibilidade de trânsito. É justamente nessa possibilidade de comunicação que podemos situar nossa discussão sobre a medicalização do sofrimento psíquico, e mais especificamente a inserção dessa política medicamentosa, que é também fruto da ciência, na infância.

A subversão da psicanálise está em apontar Outra cena, a do inconsciente. Entendemos que a escuta analítica se dirige a um sujeito dividido, contraditório, que nada ou muito pouco sabe sobre aquilo que diz. Acontece que para sustentar a imagem do “cidadão bem-sucedido”, ideal estrategicamente condizente com a política neoliberal, essas contradições do sujeito não são bem-vindas. Interessa bem mais o indivíduo, aquele que sabe o que quer e pode falar de si com total propriedade. É necessário estarmos atentos a esses imperativos sociais quando estamos discutindo sobre o processo de medicalização, pois o silenciamento dos sofrimentos interessa à manutenção de um sistema econômico que exige que funcionemos a todo vapor.

É importante ressaltar aqui que os avanços da ciência possibilitaram ganhos importantes para a humanidade. O desenvolvimento da medicina e da medicação, foco deste trabalho, trouxe-nos a possibilidade de não se morrer do que se morria no passado, bem como de se tratar o que antes não tinha cura. Mas a questão a ser levantada e discutida é sobre os limites da ciência e suas soluções

quando se trata do Real que está presente nos sintomas que o discurso científico tenta eliminar. Afinal, por que pensar a limitação como impotência, e não como algo plausível diante do impossível?

O objetivo aqui é podermos pensar como o discurso científico se engendra nos ideais de nossa sociedade pós-moderna e quais os efeitos disso na infância. Sabemos que ideais estão mergulhados no imaginário, o que implica certas armadilhas que ficam evidentes quando o mal-estar bate à porta. Como fica então o mal-estar da infância contemporânea, que também é permeada pelo imaginário social do ideal de perfeição? A busca da criança “de sucesso” impulsiona pais, educadores e a ciência a procurar soluções para os desvios que ela possa fazer. Comportamentos que saem do esperado são vistos como patológicos, e a ciência quer apontar para uma causa neurológica, por exemplo, passível de ser localizada por tomografias e eliminada por pílulas. Essa visão do sintoma acaba evidenciando uma importante característica do discurso científico: a universalização, a categorização do que é patológico ou não.

## A aversão ao singular

O discurso capitalista tem uma particularidade com relação aos outros quatro discursos (mestre, histórica, universitário, analista): ele não possibilita nenhuma espécie de laço com o outro. O que temos nele, como explica Soler, é um circuito fechado, sem ruptura, que descreve a relação do sujeito apenas com seu objeto de mais-de-gozar (Soler, 2011, p. 61).

Justamente por romper o laço do sujeito com o pequeno outro, seu semelhante, o discurso capitalista acaba impulsionando o processo de supressão das singularidades, já que o rompimento dos laços traz a ideia de uma suposta paridade entre indivíduos. Essa é a principal propaganda que a ideologia neoliberal faz a seu favor: a promessa de igualdade entre os cidadãos a partir de um mercado regido exclusivamente pelas leis econômicas, sem a intervenção do Estado. Sabemos que na prática, o acesso aos bens de consumo, assim como aos direitos estabelecidos por lei, não é livre, mas condicionado pelas constantes desigualdades sociais. Além disso, há uma armadilha neste tipo de política: a anulação das diferenças, das disparidades que possibilitam algo de singular. Confunde-se igualdade de acesso com “goze sem limites!”. A ilusão de realização da fantasia do sujeito com o objeto a, viabilizada pelo discurso capitalista, ameaça a castração, nossa principal aliada quando se trata de *ir pro jogo do mundo portando uma singularidade*.

A “subversão sem precedentes” — caracterizada pelo empuxo à paridade e por tentar deixar de fora a castração — afeta os laços sociais. Um ordenamento coletivo sustentado no laço opõe-se à paridade. O laço social tem como característica inerente instaurar o não todos iguais. Não é possível, portanto, fazer laço sem incluir a disparidade (Formigoni, 2017, p. 77).

É interessante notar que, se observamos, por um lado, a ruptura dos laços sociais promovida pelo discurso capitalista, por outro, há um laço entre capitalismo e ciência, afinal, foram os avanços desta que possibilitaram as transformações do meio de produção, que viabilizaram a ascensão da economia capitalista. Sobretudo, quando pensamos no processo de generalização da medicalização do sofrimento psíquico, processo favorecido pela ciência e viável à ideia capitalista de lucro. Cabe aqui uma breve caracterização de como o discurso científico faz laço com esse processo.

A ciência busca a objetivação e a racionalização dos fatos, e medicalizar indiscriminadamente (o foco é a crítica ao processo banalizado e generalizado da medicalização da angústia humana, e não a negação da importância que um medicamento tem para que determinado sujeito atravessasse certos momentos críticos) traz a problemática de que, como sujeitos, escapamos ao sentido.

À medida que a ciência avança em sua descrição de cada uma de nossas determinações objetivas, desde a programação genética até a programação do meio circulante, passando pelo cálculo cada vez mais preciso dos riscos possíveis, a ciência faz existir uma causalidade programada. O mundo, mais que um relógio, aparece como um programa de computador. É nossa maneira atual de ler o livro de Deus. À medida que só essa causalidade é recebida, surge o escândalo do trauma que escapa a toda programação (Laurent, 2002, p. 2, tradução nossa).

O fora de sentido habita em nós, e o inconsciente emerge justamente na ruptura do sentido estabelecido. Basta pensar nos chistes, atos falhos e nos sonhos, formações do inconsciente que retiram o homem de seu suposto centro racional. No entanto, é visível o esforço da ciência em tentar controlar aquilo que não cessa de retornar. E a maneira como cada um pode saber fazer com o seu Real que insiste e persiste é o que de mais singular uma análise pode extrair. Mas como fica a possibilidade desta singularidade emergir, tendo em vista este contexto de fabricação de massas que avança hoje? Em se tratando da infância, diagnosticar em busca de patologias captura as diferentes formas de ser criança. E ser criança hoje parece estar cada vez mais próximo das expectativas em torno do sucesso. Cabe discutirmos a implicação do discurso científico na tentativa de atender a essa demanda para pais, educadores e demais envolvidos com a infância.

### **A criança livre do mal-estar: a demanda dos pais, o esforço da ciência**

Pensemos o que é um filho dentro de um contexto parental. Como Freud já assinala, a criança ocupa um lugar especial no narcisismo dos pais, ela é a promessa de realização dos sonhos tão caros e muitas vezes frustrados desses pais (Freud, 1914/2019, p. 37). Portanto, se vamos falar do mal-estar da infância, precisamos entender que este está dentro de algo mais complexo.

A criança realiza a presença do que Jacques Lacan designa como objeto *a* na fantasia. Ela satura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica (Lacan, 1969/2003, p. 374).

Tendo localizado a criança e seu sintoma dentro da estrutura familiar, podemos partir para o ponto do engajamento dos discursos científico e capitalista nesse sintoma. Se vimos que a atual política de ideias voltada à universalização dos corpos é coerente com a também atual política medicamentosa, não podemos deixar de pensar que o fenômeno de patologização da infância também é influenciado pelo ideal da criança universal e perfeita. A criança hoje também está às voltas com o imperativo do gozo promovido na pós-modernidade: ela consome e é consumida, pois o mercado se ocupa em pensar no que vender para este público, bem como em medicalizá-lo, se este não estiver dentro das expectativas.

Seria interessante questionarmos: não seria o mal-estar da infância atual uma forma de resistência às imperiosas expectativas de sucesso e bem-estar de nossos tempos? Podemos ver, hoje, como temos cada vez mais crianças com agendas lotadas, bem como o crescimento dos diagnósticos de déficit de atenção e hiperatividade, e então pensamos o que esse sintoma, hoje tão banalizado, pode nos dizer da posição dessa criança diante da exigência de produtividade.

Para ir um pouco mais além nessa discussão, vale retomar uma reflexão clássica de Freud, que nos parece valiosa nos tempos atuais: o encontro com o outro como fonte de mal-estar em nossa civilização. E ele ainda acrescenta que essa fonte talvez seja a mais dolorosa de todas (Freud, 1930/2019, p. 30). Mas o encontro com a alteridade é de suma importância para o conseqüente encontro com a castração. Quando as figuras de cuidado tentam de alguma forma evitar o choque da criança com a diferença, com a falta estrutural e estruturante na formação do sujeito, entra em jogo uma *performance* narcísica voraz, que compactua com o narcisismo dos pais e com a posição de “conquistador de sucesso” esperada e pregada na pós-modernidade.

Todas essas reflexões nos levam a pensar no sintoma como histórico, entendendo-o em sua face social, mas também singular do caso a caso. Mas o que os instrumentos científicos fazem, como o DSM, por exemplo, é suspender a dimensão histórica do sintoma para uma categorização de signos e sinais que dizem apenas da aparência de uma estrutura, e não de sua formação no tempo. É nesse sentido que podemos afirmar que a ciência foraclui o inconsciente de suas análises e resultados, algo que contribui para o crescimento da proliferação de diagnósticos e procedimentos que tentam padronizar as experiências de cada um.

Precisamos então nos provocar: o que pode a psicanálise e sua clínica diante do sintoma da criança nesse cenário de silenciamento do singular em prol da exaltação da *performance*?

## O analista parceiro do sintoma

É Freud quem inaugura o discurso do analista, quando, em conferência realizada em 1917, fala da importância da escuta do sintoma para entender sua história e sua consequente formação (Freud, 1917/1996, p. 4). Dessa forma, nossa escuta como analistas é direcionada também aos fatos que o sujeito possa considerar mais banais e sem sentido, mas que podem fazer morada ao sintoma. Os significantes nos dão notícias de um sujeito dividido e alienado a um Outro. Fazer da criança-sujeito a criança universal que cabe nos remédios é torná-la invisível e fora do campo de circulação da palavra, palavra que é marca de desejo e da sujeição ou não à castração.

Vimos que um filho pode ocupar o lugar de objeto a na fantasia da mãe, por exemplo, alienando em si o acesso dessa mãe a sua verdade. Dopar a infância não manteria a criança cada vez mais longe de acessar a verdade sobre seu sintoma? Dolto (1982/2013, p. 15) nos lembra que a criança é capaz de suportar todas as verdades. Verdade que não é possível acessar por completo, mas que, quando tocada, causa giro de discurso. E o discurso do analista tem a característica de causar desejo de saber, saber sobre o sofrimento, sobre o sintoma. Saber que é sempre não todo, e quanto a isso a psicanálise está advertida.

O caminho de uma análise com crianças precisa passar pela possibilidade de o sujeito criança ser mais que um objeto na alienação significativa do Outro. O analista deseja ouvir a criança de carne e osso traumatizada pelo Real da linguagem, enquanto o uso desenfreado da medicalização se ocupa da criança-objeto, a criança que a partir de seu sintoma faz signo para o Outro.

Por isso, escutar a criança em seus conflitos, para além da queixa de pais e escolas, é o que continuará sustentando a prática do analista diante dos imperativos da norma que avançam sobre nossa época.

## Referências bibliográficas

- Dolto, F. (2013). Uma criança pode suportar todas as verdades. In F. Dolto. *Seminário de psicanálise de crianças* (M. V. M. de Aguiar, Trad.) (1a ed., pp. 15-26). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982)
- Eidelsztein, A. (2001). Un abordaje lógico de las estructuras clínicas. In A. Eidelsztein. *Las estructuras clínicas a partir de Lacan* (p. 17). Buenos Aires: Letra Viva Ediciones.
- Formigoni, M. C. (2017). Segregação, infância generalizada e alegria: questões para a psicanálise. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, 4, 75-82.
- Freud, S. (1996). Parte III – teoria geral das neuroses: Conferência XVI Psicanálise e Psiquiatria. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XVI, pp. 4-13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

- Freud, S. (2019). Introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. de Souza, Trad.) (pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2019). *O mal-estar na civilização* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Penguin; Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Lacan, J. (2003). *Nota sobre a criança* (V. Ribeiro, Trad.). In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969)
- Laurent, E. (2002). El revés del trauma (M. I. Negri, Trad.). *Virtualia: Revista Digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana*, 6, 2-7.
- Soler, C. (2011, maio). O discurso capitalista. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, 22, 55-68.

**Recebido:** 01/07/2022

**Aprovado:** 15/07/2022